



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Ryan Ferreira Valença

**Convivência com o Semi-Árido, Produção Animal e Agroecologia: minha
vivência no BACEP**

Pedra Comprida, Sanharó - PE

2026

Ryan Ferreira Valença

**Convivência com o Semi-Árido, Produção Animal e Agroecologia: minha
vivência no BACEP**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Agroecologia.

Orientadora: Prof(a), Dr.(a) Ana Paula Neves

Pedra Comprida, Sanharó - PE

2026

V152c Valença, Ryan Ferreira.

Convivência com o semi-árido, produção animal e agroecologia: minha vivência no BACEP / Ryan Ferreira Valença. – Recife, 2026.

37 f.; il.

Orientador(a): Ana Paula Neves.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em Agroecologia, Recife, BR-PE, 2026.

Inclui referências.

1. Biomas. 2. Caatinga. 3. Produção animal. 4. Ecologia agrícola 5. Recursos hídricos. I. Neves, Ana Paula, orient. II. Título

CDD 630.2745

Ryan Ferreira Valença

**Convivência com o Semi-Árido, Produção Animal e Agroecologia: minha
vivência no BACEP**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 11 de fevereiro de 2026.

Ana Claudia de Lima Silva
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof.(a), Dr.(a) Ana Paula Neves
Orientadora

Prof., Dr. José Nunes da Silva
UFRPE

Prof.(a) Maria Zenia Tavares da Silva
UFRPE

Dedico aos meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas envolvidas nessa trajetória que foi cursar o Bacharelado em Agroecologia na UFRPE. A todo o corpo docente pela dedicação em compartilhar com excelência seus conhecimentos com os/as discentes. Aos familiares envolvidos, minha companheira de vida Barbara Lima, meus filhos, as minhas mães Nair Marinho e Alice Ferreira, aos pais Valdemir Valença e Paulo de Tarso, tios e tias e todos os familiares e amigos que direta e indiretamente contribuíram nesta caminhada.

Gratidão as instituições, a UFRPE, ao Departamento de Educação, a equipe da Coordenação do Curso, a Casa das sementes Mãe Zenilda Xukuru, a Iran Ordonio, a Prefeitura Municipal de Pesqueira nas figuras de Geybson Neves e Dafiti Lamour, a ONG - CRERSER, ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jucati, a Rede SEMEAM.

A todos os agricultores e agricultoras, pescadores e pescadoras, lideranças, artistas, técnicos/as, que nos receberam nas imersões compartilhando suas experiências.

Por fim as forças invisíveis que favoreceram essa missão.

Mas onde está a Mata? Sem floresta por mentes desencantadas pois o encantamento foi desflorestado. Atenção pois a natureza é indissociável do encantamento. Plantar floresta é o que resta para fazer a festa com sementes e roçados bem assombrados.

Pedagogia de Passarinho: Uma cosmopolítica-poética para o regresso do povo
árvore passarim - Por Iran Xukuru, 05/05/2024

Há uma arte comum a todos os utopianos, homens e mulheres, e da qual ninguém tem o direito de isentar-se - é a agricultura. As crianças aprendem a teoria nas escolas e a prática nos campos vizinhos da cidade aonde são levadas a passeios recreativos. Aí assistem ao trabalho e trabalham também, e este exercício traz ainda a vantagem de desenvolver as suas forças físicas.

MORUS, Thomas; 1518, Ediouro - RJ; p. 93

RESUMO

Este memorial tem o objetivo de trazer minha sistematização, aprendizados, vivências, experiências e desdobramentos do curso Bacharelado em Agroecologia da UFRPE, que transcorreu entre os anos de 2021 a 2026. Relatando e memorando acerca do histórico discente, em seus aspectos subjetivos e coletivos, considerando as experiências de vida, antes, durante e posterior ao traspasar universitário, é sobre o entender agroecológico, seus conceitos e compromissos. É o produzir agroecológico em contraponto ao caos capitalista que consome o mundo. A busca de soluções, que tragam autonomia, segurança alimentar, cultura, educação, preservação dos etnoagroecossistemas, convivência com o semiárido, recursos hídricos, agroflorestas, energias renováveis, direitos humanos, feminismos. Caminhar constantemente mirando a utopia.

Palavras-chave: bioma caatinga; recursos hídricos; produção animal; agroecologia.

ABSTRACT

This memoir aims to systematize the learning, experiences, and developments of the Bachelor's Degree in Agroecology at UFRPE, which took place between 2021 and 2026. Reporting and commemorating the student's history, in its subjective and collective aspects, considering life experiences before, during, and after university studies, it is about understanding agroecology, its concepts, and commitments. It is about agroecological production in contrast to the capitalist chaos that consumes the world. The search for solutions that bring autonomy, food security, culture, education, preservation of ethno-agroecosystems, coexistence with the semi-arid region, water resources, agroforestry, renewable energies, human rights, and feminisms. A constant journey towards utopia.

Keywords: Caatinga biome; water resources; animal production; agroecology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapas do município de Pesqueira contendo informações sobre hidrografia educação/agroecologia	16
Figura 2 – Mapas do etnoagroecossistema de Pedra Comprida indicando situação antes do BACEP e desejada após BACEP	17
Figura 3 – Árvore topo do mundo, “Salun Naráh” cosmonucleação regenerativa imaginário Xukuru	21
Figura 4 – BACEP - Imersão Agreste, visita ao agroecossistema de Pedra Comprida - Sanharó - PE	21
Figura 5 – Estágio Supervisionado (ESO I), ONG - CRERSER, apoio na organização da produção de feijão crioulo no município de Jucati - PE	23
Figura 6 – Estágio Supervisionado (ESOII) acompanhamentos aos produtores da agricultura familiar - Pesqueira - PE	25
Figura 7 – Estágio Supervisionado (ESO II) acompanhamento/fiscalização de ordenhas e palestra sobre sustentabilidade no manejo de leiteiro	26
Figura 8 – Imersão 8º Período - 13 Congresso brasileiro de Agroecologia (13º CBA) - Juazeiro - Bahia	27
Figura 9 – Safra do juazeiro, frutos servem de alimento para humanos e bovinos as folhas servem de forragem verdes ou secas	28
Figura 10 – Manejo que promove a docilidade dos animais, Barbara Lima e sua amiga novilha Braúna - Pedra Comprida - Sanharó - PE	29
Figura 11 – Criação de galinhas de capoeira produção de ovos e carne para consumo da família	30
Figura 12 - Vaca se alimentando dos frutos da jurubeba - Pedra Comprida - PE	31
Figura 13 – Vacas amamentando os bezerros garantindo saúde e conforto materno	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DESENVOLVIMENTO	13
2.1	Minha história até a agroecologia	13
2.2	Minha história no BACEP	15
2.3	Marco Teórico	27
3	CONCLUSÃO	35
	REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

Este memorial é síntese da experiência acadêmica vivida durante 4 anos no curso de Bacharelado em Agroecologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) Campus Recife e seus desdobramentos e aprendizados.

O curso funciona no regime de alternância, entre períodos de vivência universitária, vivência realidade campo, e imersões em territórios. A vivência universitária é o período de troca acadêmica de teorias, conceitos, ciências, que serão posteriormente aplicadas em nossas vivências realidades campo, interagindo com nossos etnoagroecossistemas e por meio das imersões em outros territórios, conhecer experiências consolidadas, daquilo que compartilhamos no universo acadêmico.

As metodologias utilizadas para a construção desse memorial partem de pesquisas bibliográficas de textos trabalhados durante o curso, anotações, práticas, estágios, experiências de vida na lida com o campo, trabalhos em instituições, vídeos, fotografias, culminâncias e imersões.

Essa introdução tem a finalidade de complementar essa atividade do último período do BACEP, ou seja realizar o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em formato de Memorial, que irá relatar as experiências vivenciadas durante o curso, lembrando seus períodos e imersões, encontros e desencontros, aprendizados, trabalhos de extensão, experiências vividas, estágios supervisionados, aprendizados, vivências.

Os temas antes limitados aos conhecimentos técnicos e científicos dos cursos das ciências agrárias agora surgem intimamente interligados aos aspectos humanos, geográficos, ecológicos e econômicos, impossível dissociar as relações sistêmicas que atuam em nossas realidades, as questões climáticas atreladas ao consumismo capitalista e uma educação voltada a produção de mão de obra especializada para o avanço do capitalismo, que consome todos os recursos, deixando para trás um montante de destruição, dizimando culturas e povos, gerando guerras, impactos ambientais irreversíveis, se opondo a isso uma educação libertadora, unindo os povos a fazer frente a essa máquina de devastação, com economia solidária, respeitando os etnoagroecossistemas, promovendo a vida em todos os aspectos, produzindo diversidade. A agroecologia entende que esses princípios sempre foram as grandes soluções da humanidade, não são novidades, mas a reafirmação de valores e ideias que sempre funcionaram na evolução da vida.

2. DESENVOLVIMENTO:

2.1 Minha História antes do BACEP

Minha relação com o campo tem início na infância na lida com o gado, levantar no gelo da madrugada, enfrentar curral cheio de lama e chuva fria para tirar leite de vacas. Roçados de milho, feijão, mandioca, “jerimum” e pasto, plantados nas cinzas das brocas “encoivaradas” para o fogo. A sequeidão da caatinga marcada na pele, pela furada de espinho e o salgado do suor ardendo no olho. A seca anualmente presente, em suas intensidades e efeitos, regulada por trovoadas que apaziguam o calor do Sol, convertendo o adormecimento da fotossíntese, numa literal explosão de energia, o retorno da água, do colorido ausente na mata branca, onde a questão hídrica é de extrema importância.

Nasci em 1984, um ano de chuvas volumosas e trovoadas, na região do agreste pernambucano onde ficam localizados os municípios de Pesqueira, Sanharó e São Bento do Una. Sou filho de mãe solo que lutava para se formar em pedagogia na UFPE Recife. Devido às condições logísticas e financeiras, minha mãe foi obrigada a me deixar sob a guarda de sua irmã adotiva que gozava de uma vida mais estável no interior. Fui criado por pai e mãe adotivos numa dinâmica que transitava entre a zona rural e urbana. Meu pai, pecuarista, criador de gado leiteiro, minha mãe professora da rede estadual.

Desde cedo vivi acompanhando meus pais na lida do campo, no manejo do gado, na ordenha, na lavoura do milho, feijão, mandioca, nos pastos e cercas, nos espinhos da caatinga. Durante a semana estudava em colégio de freiras em Pesqueira, educação católica ferrenha, rezava-se de manhã, tarde e noite, misturado à educação clássica positivista. Nas sextas-feiras era resgatado da vida urbana pelo meu pai e levado para o sítio, onde passávamos os fins de semana, para no domingo voltarmos à rotina da missa na catedral e da semana na escola. As trovoadas de 1984 renderam águas até 1997, quando vivenciei minha primeira grande seca, aos 13 anos, já saturado da educação dogmática. A lida no campo era difícil, a água escassa, o gado morria. Em 1998, abandonei a escola católica e minha família adotiva para morar

com minha mãe biológica que havia retornado a Pesqueira. Seis meses depois retornei à família adotiva e ao campo, mas não aceitava mais o ensino religioso.

Em 2001, faleceu minha mãe adotiva. A realidade sofreu uma grande inversão, e um vazio se instalou na família. A vida no campo não era uma alternativa incentivada, apesar de eu querer estar nas atividades do campo. Queriam que eu estudasse, e em 2004 consegui vaga no curso de licenciatura em História da UFRPE. Fui morar no Recife. Era mais pela vontade de sair da realidade que vivia. A vida urbana da metrópole era agitada, mas com o tempo a cidade sufocava, e uma sensação claustrofóbica só se apaziguava quando retornava ao interior, agora ressignificado pelo conhecimento histórico. Tranquei a faculdade em 2006 e retornei a Pesqueira e Sanharó.

Passei os dias intercalando a rotina do campo e as atividades em Pesqueira. Cursei técnico em agropecuária no IFPE de Belo Jardim. Com amigos, iniciamos um movimento audiovisual, participei de atividades no território Xukuru e abri um bar chamado Jurema Preta. Em 2008 nasceu meu filho Ian, seguido dois anos depois por Isaac e Icaro. Paralelamente, trabalhava na lida do gado com meu pai adotivo, que faleceu em 2013 durante a segunda grande seca que atravesssei, quando perdemos quase todo o rebanho por falta de comida e água.

Por volta de 2016, depois de concluir o técnico, entrei no curso de Agronomia em Garanhuns, mas desisti por questões de logística, trabalho e financeiro. Continuei com o trabalho no campo e com o bar. Nesse período nasceram mais dois filhos, Théo e João Francisco. Na pandemia, me isolei no sítio e produzi queijo de coalho por cerca de 6 meses para venda. Depois que as atividades foram normalizando, consegui um emprego na Fundação de Cultura de Pesqueira e posteriormente ingressei no curso de Agroecologia da UFRPE, onde agora escrevo este memorial.

Ecologia sempre foi um tema importante para mim, desde criança, apesar de quase ninguém no meu círculo se interessar. A caça, o desmatamento, as queimadas passaram a me causar indignação, numa relação de dominação sobre a natureza talvez explicada pela força do cristianismo.

No curso de História, me deparei com a preservação dos patrimônios, a questão antropológica, as colonizações. Foi lá que a palavra Xukuru surgiu em minha frente como uma cobrança. Meu retorno a Pesqueira me fez imergir nessa realidade, procurei o Toré, a cultura da Jurema.

No técnico em agropecuária, aprendi dosagens de venenos, mecanizações, cálculos de produção, de maneira técnica, sem que o termo ecologia aparecesse. Buscando soluções, li o livro **Manejo Ecológico de Pastagens**, de Ana Primavesi, e entendi que produzir ecologia é produzir a vida em todos os sentidos, remetendo à frase do cacique Xikão Xukuru: “As matas são os cabelos da terra, as águas são o sangue da terra e as pedras são os ossos da terra”.

Passei a buscar essa agroecologia. No curso de Agronomia em Garanhuns, encontrei um discurso voltado ao mercado e à educação tecnicista. Até que em 2021 consegui vaga no curso de Agroecologia na UFRPE, Câmpus Recife, em regime de alternância, uma educação voltada aos saberes da natureza, do campo, interligando aspectos técnicos, científicos, étnicos, históricos, antropológicos e culturais: o Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular (BACEP).

2.2. Minha História no BACEP

Partindo desses contextos, tenho minha composição de vida e familiar com paralelo a vida urbana, onde obtive educação e outros circuitos sociais, religiosos, culturais etc. Em 2021 ingresso no curso de Agroecologia na UFRPE, e em 2026 estou concluindo essa experiência acadêmica, fruto de um grandioso esforço, compensado com essa graduação tão rica em conhecimentos, aprendizados, vivências e possibilidades.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) Bacharelado em Agroecologia, também chamado de Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular (BACEP) o curso é conformado por oito semestres subdivididos em três núcleos de conhecimento (básico, específicos e profissionais), sob quatro eixos: conhecer, planejar, agir, avaliar/sistematizar os etnoagroecossistemas e suas relações com os campesinatos, culturas, educação, ecologias sob o elo integrador: Conhecer e transformar o etnoagroecossistema (UFRPE, 2023).

No primeiro semestre letivo que cursei, no ano de 2021, o curso estava retomando sua primeira turma presencial pós pandemia, a ideia foi conhecer o etnoagroecossistema, sob as temáticas: abordagem sistêmica da vida; agroecologia, ecossistemas; Relação ciência construção do conhecimento e natureza; educação popular e cultura; campesinato, modos de vida e agriculturas; solos; movimentos

sociais e questões agrárias. Temas trabalhados pelos professores e professoras: José Nunes, Julia Figueiredo, Luiz Mattos, Weruska Costa, Angelo Alves e Gilvania Oliveira.

Nesse período de chegada, muita coisa era estranha a minha interpretação, demorei assimilar as temáticas que aos poucos foram se elucidando, me faltava bases teóricas sobre os assuntos, mas com o decorrer das aulas, textos, vivências veio o entendimento da realidade do curso, sua dinâmica e proposta diferenciada, de como se dava a agroecologia, de onde veio, uma resposta a ganância capitalista e a guerra travada pela revolução verde e os absurdos do agronegócio, como resistência dos camponatos frente as destrutivas forças do capital.

Tivemos a 1ª imersão na Mata Sul, onde infelizmente não pude visitar por questões pessoais e trabalho, da qual ouvi relatos da riqueza de experiências visitadas, das dificuldades de acesso, da diversidade de camponatos existentes na Mata Sul e litoral. A exploração da cana de açúcar e suas sequelas sociais, das experiências agroecológicas frente ao monocultivo da cana, do solo lamenento de massapê que não deixou o ônibus da rural visitar o Assentamento Ximenes em Barreiros.

Uma das missões desse período foi a construção de mapas sobre nossos territórios, no meu caso Pesqueira (Figura 1) relativos aos seus biomas, movimentos de luta pela terra e educação popular no campo. Nos foi introduzido o conceito de etnoagroecossistema, a visão sistêmica da realidade, a agroecologia intrinsecamente relacionada às relações étnicas, sociais, natureza, economia.

Figura 01: Mapas do município de Pesqueira contendo informações sobre hidrografia educação/agroecologia



Fonte:editado pelo autor (2022)

engenho retomado. Onde existe, em meio aos bananais, aos pés de um enorme morro, uma colmeia simbiótica de humanos e uruçus, que lembrava um filme visto em aula de uma senhora e sua criação de abelhas. No topo desse morro, uma frondosa floresta de mata atlântica onde nos foi ensinado que todos nós somos plantas, e estamos nesse universo desde o princípio dos tempos transitando entre várias formas.

Os processos associativistas para fins de realidades de resistência, para acesso a políticas públicas e práticas de mudança da realidade opressora dos engenhos, que dizimaram o etnoagroecossistema da mata atlântica, suprimindo naturezas, culturas, vidas. Uma teia étnica, a afroagroecologia do Sítio Ágatha¹ (que não pude visitar), a senhora indígena que só plantava árvores frutíferas pois na infância elas a salvaram da fome, casas grandes de engenho hoje sede de associação de camponeses que buscam autonomia.

Agora depois de conhecer e diagnosticar o etnoagroecossistema, o curso nos remete ao planejamento. No 3º período, trazendo os conhecimentos específicos com os temas: Agrobiodiversidade; Leitura e Análise da Sustentabilidade de Agroecossistemas; Sistemas Agroalimentares; Convivências com o semiárido, Economia Solidária; Planejamento participativo em campo; Cultura Corporal e Campesinato; Processos Grupais e subjetivos em contextos rurais; sistemas de produção da agricultura familiar; Animais.

No trabalho da agricultura sempre enterrei as sementes numa cova, entendi que a subjetividade do conceito cova, está mais ligada a ideia de morte e o contrário disso, o berço remete a vida. Hoje em dia não preparo mais covas, e sim berços para receber as sementes da vida, as sementes da agrobiodiversidade. Imergir, dentro do agroecossistema do qual pertenço, seus animais, suas dificuldades, avanços e história, o quão é importante a participação e envolvimento de toda a família/comunidade no planejamento do etnoagroecossistema, buscando soluções viáveis, que estejam de acordo com os recursos do lugar, respeitando as diversidades, produzindo sistemas sustentáveis. A sustentabilidade é crucial para o desenvolvimento de qualquer processo e a imersão do 3º período nos levou ao sertão pernambucano, região onde a sobrevivência está diretamente proporcional ao quanto sustentável um sistema pode ser.

¹ Sítio Ágatha: “Espaço agroecológico, militante, feminista e antirracista na Mata Norte de Pernambuco.” [Sítio Ágatha | Saberes em Autogestão](#)

Água é o primeiro elemento a ser considerado em qualquer atividade produzida no sertão. Seu uso precisa ser racional, sem desperdícios, reciclada, as experiências de agriculturas familiares visitadas, conviviam num semiárido rico, de criação de aves, bovinos e caprinos. Convivendo com a caatinga respeitando, sua dinâmica, biodiversidade e santuários ecológicos, onde foi possível visualizar lagos de tilápias, sombreado por árvores de gliricidia, carregadas de gigantescas iguanas e andar por trilhas da caatinga onde os veados catingueiros pastam durante a manhã.

Da produção de algodão agroecológico, negociada com indústrias estrangeiras por bons valores financeiros, e da agricultura familiar e suas tecnologias para facilitar a vida com trabalho. Cisternas, açudes, reuso de águas cinzas e o leito do rio Pajeú e suas águas frias. Esse foi o sertão de subjetividades aos pés da serra de Triunfo que terminou em forró numa exposição de caprinos, nos Afogados da Ingazeira.

Chegamos ao 4º período, ainda nos conhecimentos específicos, a ideia é planejamento e ação no etnoagroecossistema, com as temáticas: Etnoagroecossistemas de Produção Vegetal e Animal; Redesenho de Etnoagroecossistemas; Metodologias de Construção do Conhecimento Camponês, Economia Solidária, Feminismo; Expressões Culturais do Campesinato; Alimentação e Sociedade; Educação no Campo com os/as respectivos docentes: Horasa Andrade, Felipe Jalfim, Ana Paula Neves, Gilvânia Oliveira; Joana Lessa; Júlia Benzaquen; Zênia Tavares e Rachel Uchôa.

Tivemos importantes lições sobre nutrição animal e disponibilidade de alimentos de acordo com os desenhos propostos nos etoagroecossistemas, desenhos estes que consideram a disponibilidade de recursos, os biomas, visando a sustentabilidade e a biodiversidade. Que os monocultivos e a pressão capitalista, vem retirando a autonomia das comunidades camponesas, por meio da perda da diversidade de sementes, desqualificando a agricultura tradicional, que o resgate das sementes crioulas deve ser incentivado por educadores e extensionistas para garantir a segurança e soberania alimentar. Aprendemos ainda sobre a diferenciação da educação do campo, e a educação rural. Uma considerando os aspectos das realidades camponesas, vivências, diversidade, cultura, visando firmar as populações camponesas em seus ambientes originários; a outra apenas o aspecto rural, tecnicista, reproduzindo o padrão industrial no campo. Sobre a diferença entre

alimento e comida, e a importância de garantir a segurança alimentar a partir do campo, frente a homogeneização dos alimentos produzidos pela globalização.

No 5º período, junto aos docentes Ana Cláudia Silva, Horasa Andrade, José Nunes, Marcos Figueiredo, Zênia Tavares, Deisyvângela Santana e Rebeca Oliveira, passamos a agir no etnoagroecossistema, a partir da Agroecologia, campesinato e educação popular com os seguintes temas: Manejo de etnoagroecossistemas; Segurança e Soberania Alimentar; Processamento e Conservação da Produção Familiar; Processos Participativos de Melhoramento Genético de Plantas e Animais; Educação e direitos Humanos; Extensão Rural Agroecológica.

Esse foi um período de conceitos e ações. Realizamos intervenções práticas nos etnoagroecossistemas, baseadas em conceitos como o triângulo da vida, partindo do ângulo zero, da terra nua, a produção de florestas em toda sua complexidade. Produzimos agroflorestas, e fizemos o caminho oposto da erosão genética, causada pela padronização dos sistemas produtivos do mercado. Participamos de práticas de conservação de alimentos, produção de conservas e processo de estocagem reforçando a segurança alimentar. E nos subsolos do CEGOE, aprendemos sobre direitos humanos, sobre a existência de um projeto global de colonização e sua estrutura ideológica, sufocando e apagando os povos tradicionais. Os direitos humanos conquistados à dura sorte, frente aos mecanismos de exploração consolidados pelas ideologias do patriarcado desde os tempos da criação do mundo, remetendo maldição de Can, passagem bíblica do Gênesis, distorcida para justificar a escravidão e racismos, dividindo os povos entre livres, escravos e condenados.

Em nossa imersão, realizada no Agreste, passamos por Bonito onde visualizamos o etnoagroecossistema do nosso colega de turma Cláudio e de sua esposa Fábia produtores de mel e agrofloresta. Em Garanhuns no Quilombo Castainho as guerreiras quilombolas produzem mandioca e autonomia na casa de farinha, o banco de Sementes do Sítio Mochila garante a diversidade da produção de feijões e milho crioulos, onde também planejamos e cultivamos uma agrofloresta no sítio do saudoso agricultor agroecológico Sr. Miranda, de lá partimos para território Indígena Xukuru, e visitamos a Casa de Sementes mãe Zenilda, onde encontramos Iran Xukuru e Edgar Xukuru na construção da cosmonucleação regenerativa, “agricultura e pedagogia de passarinho” nos encantos da Serra do Ororubá, onde Salun Naráh, árvore topo do

mundo, é memória ancestral, fincando suas raízes no chão, conectando terra e céu (Figura 3).

Figura 03: Árvore topo do mundo, “Salun Naráh” cosmonucleação regenerativa imaginário Xukuru



Fonte: Desenho do autor (2024)

Por fim, estivemos no Sítio Pedra Comprida, em Sanharó, onde tive o prazer de receber todos os amigos docentes e discentes em minha casa, para conhecer brevemente a experiência de vida junto, a Bárbara Lima e filhos, na produção de agricultura, criação de animais e agroecologia no agreste semiárido (Figura 4).

Figura 04: BACEP - Imersão Agreste, visitação ao agroecossistema de Pedra Comprida - Sanharó - PE



Fonte: Pedro Henrique (2024)

O 6º período que encerrou o núcleo de conhecimentos específicos, no eixo Agir no Etnoagroecossistema com os temas: Manejo do Atnoagroecossistemas; Gestão das Águas nos Territórios Camponeses; Gestão de Resíduos, Sistematização de Experiências; Libras e Usos Múltiplos da Floresta com os docentes Ana Cláudia Silva, Eliane Freitas , Fernando Porto, José Nunes, Leane Cordeiro, Rafael Leite e Nemo Cortes. A temática água foi muito trabalhada nesse período, o descaso do poder público frente a gestão das águas e o colapso hídrico que vivemos, enchentes, deslizamentos, secas, desertificações, poluição. Nossas florestas como fonte de recursos, madeiras, frutos, diversos meios de produzir mudas por estaquia, enxertia, o domínio de técnicas para facilitar a produção de recursos florestais acelerando processos. Reciclando resíduos, produzindo compostos para enriquecimento do solo na produção de alimentos a partir do que seria lixo e poluição. Sistematizamos nossas experiências e relembramos as vivências dos outros períodos, já ampliamos nossa comunicação por meio das libras, aprendendo observar, ouvir, sentir.

A imersão, na metrópole e sua realidade, passou no "renascedouro ageoecológico na horta Dandara em Peixinhos, vivenciou o trabalho e a coragem dos pescadores em Itamaracá, a reciclagem de resíduos na comunidade do Entra a Pulso, em Boa Viagem, e o etnoagroecossistema aquático do Rio Capibaribe com suas capivaras, jacarés, peixes, seres humanos, enchentes e esgotos, rodeado por prédios, canais, rodovias, asfalto.

Ainda nesse período tivemos a disciplina optativa, Tópicos Especiais com o tema: “Manejo Agroecológico de Pragas e Doenças”, com o professor Walter Santos. Aprendemos primeiramente que pragas são fruto do desequilíbrio decorrente da interferência humana sob os ecossistemas modificados para produção agrícola e que os monocultivos são mais suscetíveis a essas infestações, sendo necessário o uso de produtos químicos para o controle. No caso da agroecologia, é preciso encontrar o equilíbrio entre a produção e o ecossistema, a fim de minimizar os impactos e se acaso for preciso controlar desequilíbrios, fazê-lo de modo orgânico, promovendo a diversidade, usando produtos naturais e estratégias de controle sem uso de venenos químicos.

O 7º período começa a nos preparar para a finalização do curso. Agora no núcleo de conhecimentos profissionais entramos no último eixo do curso: avaliar,

analisar e sistematizar a ação no etno agroecossistema. Trabalhamos as seguintes temáticas: Aplicação de Metodologias de Avaliação e Análise de Sustentabilidade, Sistematização de Experiências; Estágio Supervisionado 1 (ESO 1) e Tópicos Especiais: Extensão Rural Agroecológica e gestão de espaços coletivos: Metodologias E Planejamento Participativo . Com o coletivo docente formado pelas professoras Ana Paula Neves, Gilvânia Oliveira, Júlia Benzaquem, Ladjane Caporal e Letícia Silva.

O tão sonhado ESO 1, estagiar em uma instituição com carga horária de 200 horas, cumprir a burocracia, busca de assinaturas, termos, combinados, orientações planejamentos, relatório de atividades, cronogramas. Estagiei na ONG Crerser, executando um projeto com objetivo de assessorar a produção de sementes crioulas de feijão para comercialização e distribuição junto ao estado de Pernambuco, no município de Jucati em parceria com outras instituições a exemplo do SRT, IPA, rede SEMEAM (Figura 5).

Figura 05: Estágio Supervisionado (ESO I), ONG - CRERSER, apoio na organização da produção de feijão crioulo no município de Jucati - PE



Fonte: foto do autor (2025)

A imersão foi no território do Agreste Central, em Glória do Goitá, visitamos o etnoagroecossistema dos agricultores seu Alonso e dona Lu, contribuimos na manutenção de sua horta, aprendemos sobre biofertilizantes, catamos cajás, ouvimos um pouco sobre a trajetória de vida do casal, sobre a preocupação com os processos sucessórios e sobre a lida diária, fortalezas e dificuldades. Visitamos o Museu do

Mamulengo localizado no centro da cidade de Glória do Goitá, uma tradição de brincadeira de bonecos de pano e madeira de mulungu, que em sua comicidade retrata o cotidiano e suas dicotomias. O cavalo marinho de Lagoa de Itaenga, a Sambada de mestre Bibi, sediada numa casa de Farinha, conversamos sobre sua história, seus instrumentos e sua arte, a relação com os santos, os brincantes do corte da cana e os elementos do canavial, roteiros e improvisos de suas apresentações .

Visitamos o Assentamento Normandia em Caruaru onde ficamos hospedados, ouvimos sobre a história do Movimento dos Trabalhadores sem Terra, de suas lutas e conquistas no Brasil e no mundo, compartilhamos de sua pedagogia do pensar e fazer caminhando juntos, a organização coletiva do fazer na organização social, fomos apresentados às suas produções de sementes, mudas, animais e agroflorestas. Na sequência visitamos o Quilombo Carapatós (pedra que canta) e sua centenária tradição do pífano com o mestre Marcos, dos adjuntos, do trabalho cantando toada nas antigas fazendas, suas serras, pedras, e fontes encantadas da simbiose da música e educação. Na Palmatória ainda em Caruaru, visitamos um santuário biológico, histórico com rica incidência arqueológica, pinturas rupestres e cemitérios milenares em luta pela preservação do patrimônio, frente ao vandalismo, depredações, caçadores e incêndios. Por fim um coletivo de mulheres produzindo arte no barro e educação no Alto do Moura em Caruaru. Finalizamos o 7º período entregando nossos relatórios de estágio, como preparativo para a reta final do curso.

Chegamos à última etapa do curso, o 8º período, constituindo-se como a somatória de todos os esforços nesses quatro anos de curso. Buscamos Sistematização no Etnoagroecossistema, com as Temáticas: Seminários de Reflexão dos projetos Interdisciplinares de Construção do Conhecimento; Sistematização de Experiências; Diálogos Sobre Agroecologia; Estágio Curricular Obrigatório (ESO II); Tópicos Especiais - Agroecologia - Economia Feminista e Agroecologia. Estive acompanhado das docentes: Andrea Butto, Júlia Benzaquen, Gilvânia de Oliveira e Ana Paula Neves.

Esse último período basicamente foi um preparativo para o estágio e para a produção do memorial BACEP - uma coletânea das memórias e aprendizados sistematizados em um documento Memorial, para fins de conclusão de curso. Novamente o estágio, burocracia documental, assinaturas e formalizações. Em meu ESO II estagiei na prefeitura de Pesqueira, na secretaria de Desenvolvimento Rural e

Meio Ambiente junto com a Secretaria de Agricultura e Abastecimento, onde participei de atividades de visitação a vários produtores da agricultura familiar do município, para acompanhamento técnico com objetivo de requalificar estabelecimentos de produção (laticínios, galinhas/ovos de capoeira, mel), afim de adequação aos padrões exigidos para comercialização junto ao programa do governo PAA (Figura 6).

As visitas foram acompanhadas por equipe técnica da prefeitura, na zona rural do município e distritos, Começando pelo Sítio Cachoeira no Laticínio Cachoeira, onde se produz uma diversidade de queijos, Fazenda das Flores no distrito de Salobro, numa criação de galinhas de capoeira, na Associação dos Apicultores do agreste e Sertão Pernambucano (APIASPE) na comunidade Novo Cajueiro (Ramificação do Território Indígena Xukuru) e na aldeia Canaã junto a produtores de queijo coalho e galinha capoeira, para avaliar os aspectos físicos, sanitários e estruturais dos ambientes visitados, para assessoria nas adequações exigidas pelas normativas técnicas para comercialização com o Estado, a serem realizadas pelos produtores em parceria com a prefeitura de Pesqueira.

Figura 06: Estágio Supervisionado (ESOII) acompanhamentos aos produtores da agricultura familiar - Pesqueira - PE



Fonte: Fotos do autor (2025)

Também acompanhei o 1º Torneio Leiteiro realizado no município, com duração de quatro dias, que apesar do caráter comercial e produtivo, consegui auxiliar nas atividades de ordenha, fiscalizando regras e auxiliando os processos com os animais/instrumentos, e realizar uma breve palestra sobre sustentabilidade da produção leiteira, tratando de temáticas como sustentabilidade hídrica e sanitária, boas práticas de manejo e conforto animal durante a ordenha (Figura 7).

Figura 07: Estagio Supervisionado (ESO II) acompanhamento/fiscalização de ordenhas e palestra sobre sustentabilidade no manejo de leiteiro.



Fonte: Fotos Barbara Lima (2025)

Já, na disciplina de Feminismo e Agroecologia, com a professora Andrea Butto, aprendemos sobre os tipos de feminismos, os conceitos de interseccionalidades, posicionalidades, e as opressões que marginalizam e vulnerabilizam mulheres, em lugar de desvantagem frente ao privilégio dos opressores. Feminismo negro, feminismo camponês, feminismo agroecológico, ecofeminismo.

Em nossa última imersão, tivemos a sorte de fechar com “chave de ouro”, No 13º Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA) realizado na cidade de Juazeiro/Bahia com o tema: **"Agroecologia, Convivência com os Territórios Brasileiros e Justiça Climática"** (Figura 8). Lá, tive a oportunidade de participar de debates sobre os perigos dos agrotóxicos, a produção animal na agroecologia, festival de cinema agroecológico, tecnologias de convivência com o semiárido, reuso e filtragem de águas, feiras de produtos agroecológicos, uma infinidade de temáticas em um evento gigantesco impossível de acompanhar na íntegra, além das culturais, o Rio São Francisco e a cidade do Juazeiro da Bahia. Por fim finalizamos nosso curso com a semana de colheitas de saberes, culminâncias, produção e apresentação dos memoriais do 8º período em fevereiro do ano de 2026, concluindo nossa graduação de 4 anos, que deixará lembranças, saudades e muitos conhecimentos e aprendizados.

Figura:08: Imersão 8º Período - 3º Congresso brasileiro de Agroecologia (13º CBA) - Juazeiro - Bahia



Fonte: foto do autor(2025)

2.3. Marco Teórico

Entre as tantas temáticas do curso, tendo a seguir aquelas mais aproximadas à minha realidade, que estejam ligadas a vivência e os desafios impostos por ela. Vivo no semiárido, no bioma caatinga do Agreste pernambucano, com recursos hídricos limitados pelas estações secas, inserido num sistema produtivo baseado na produção leiteira, criação de animais, agricultura, com difícil acesso a políticas públicas pela falta de associativismo e cooperativismo. Neste contexto escolho trabalhar em meu marco teórico as seguintes temáticas: Manejo ecológico da caatinga, produção animal,

De acordo com o que aprendi no BACEP somado aos conhecimentos da vivência prática no etnoagroecossistema, venho na medida do possível desenvolvendo um manejo mais aproximado ao que podemos chamar de agroecológico apesar das dificuldades e descrenças. A caatinga, principal base forrageira do semiárido, apresenta baixa capacidade produtiva, para aumentar a oferta de alimentos o cultivo de pastagens tem substituído a vegetação nativa, resultando em desmatamentos, perda da fertilidade do solo, contaminação por agrotóxicos e degradação dos recursos hídricos.

Como alternativa, o manejo agroecológico da caatinga por meio de sistemas agroflorestais, valoriza a biodiversidade, garante estabilidade produtiva e amplia a oferta de alimentos, inclusive em anos de estiagem (BARRETO et al., 2010). Desse modo, abdicamos do desmatamento, para aderir a um manejo de podas e supressões

vegetais reduzidas em conjunto a inserção de espécies exóticas de árvores e espécies forrageiras para a produção de uma caatinga que de mais suporte na alimentação e conforto aos animais. As pastagens, antes de pasto limpo, hoje encontram-se arborizadas, com diversidade de variedades botânicas, principalmente nativas, considerando seus potenciais de alimentação e sombreamento, a exemplo do juazeiro, ipê, canafístula, jurema branca/preta, que produzem frutos, folhagens e flores comestíveis, além de oferecer sombreamento, matéria orgânica e suporte a biodiversidade vegetal e animal nativa (Figura 9).

Figura 09: Safra do juazeiro, frutos servem de alimento para humanos e bovinos as folhas servem de forragem verdes ou secas



Fonte: Foto do autor (2024)

Sobre gramíneas e outras espécies arbustíferas, leguminosas e pastagens nativas espontâneas não lenhosas, é interessante observar o potencial das nativas, beldroegas e bredos, o pasto de marmelada, capins espontâneos diversos, arbustos de leguminosas como feijão de porco e a unha de gato, entre outras espécies de ramas, irão dar esse suporte de volumoso na nutrição dos animais, principalmente nos períodos chuvosos. Para melhorar em quantidade e qualidade esses recursos naturais, inserimos espécies exóticas de gramíneas, e outras outras espécies vegetais no sistema a exemplo das cactáceas forrageiras, palma e mandacaru sem espinho, e outras variedades lenhosas como gliricídia, moringa, e complementando ainda mais com forrageiras de ciclo curto a exemplo do milho, sorgo, margaridão, capim elefante com a finalidade de estoque forrageiro como silagem ou feno. Não é uma tarefa fácil implantar essas práticas, pois além de mão de obra e mecanização ser um aspecto

pesado no processo, existe o experimentalismo do erros e acertos, a questão econômica, tempo e clima; entretanto, os resultados positivos nesse manejo agroecológico dão certa segurança a medida em que temos mais liberdade em executar nossas tarefas, acompanhando e observando os ciclos naturais, reduzindo o trabalho, preservando e melhorando o bioma, trazendo mais conforto aos animais, e minimizando impactos ambientais ao bioma Caatinga além de uma maior proximidade ao animais promovendo mais docilidade (Figura 10).

A criação animal agroecológica adapta animais e vegetais aos ecossistemas, ao invés de transformá-los, exigindo mudanças de mentalidade e conhecimento teórico/prático. Nela os animais substituem insumos sintéticos ao magnificar a energia solar pelo pasto, gerando alimentos seguros, mitigando impactos ambientais por manejo adequado. Economicamente, os sistemas orgânicos são mais lucrativos por animal e pessoa empregada, embora a transição para certificação ainda seja um entrave. A produção agroecológica promove externalidades positivas, serviços ecossistêmicos, emprego local e tem como finalidade o ser humano (o agricultor(a)), com o animal como centro da produção, dotado de vontade, sentimento e inteligência. (MACHADO FILHO et al.,2023).

Figura 10: Manejo que promove a docilidade dos animais, Barbara Lima e sua amiga novilha Braúna - Pedra Comprida - Sanharó - PE



Fonte: foto do autor (2024)

Com relação a produção de animais, temos duas frentes de atuação, a criação de bovinos, especificamente vacas leiteiras, e a criação de galinhas de capoeira. Ambas as criações dão suporte econômico, além de abastecer de alimentos, no entanto a criação bovina, tem a finalidade de gerar renda a partir da produção e venda

do leite e derivados, e da comercialização do excedente de animais, bezerros, garrotes e bois, ou animais de descarte e também suprir as necessidades de casa em alguns produtos lácteos, leite cru, coalhada, queijos. Já as galinhas de capoeira, tem a produção mais voltada para o consumo interno, produção de ovos, pintinhos e carne (Figura 11).

Figura 11: Criação de galinhas de capoeira produção de ovos e carne para consumo da família



fonte: Barbara Lima (2024)

O gado leiteiro é criado solto na pastagem que é subdividida em piquetes, delimitados por cercas elétricas, facilitando o trabalho. Ao inserir o gado no piquete, é preciso ter esse controle do consumo da vegetação para que os animais não degradem o pasto, nem passem fome, além disso, manejem esse espaço com adubação de sua urina e fezes, ajudando no raleamento, minimizando as roçagens mecânicas. O fato de existir uma diversidade de espécies vegetais e animais, reflete na nutrição e sanidade, as espécies vegetais oferecendo diversidade de nutrientes, e os animais silvestres a exemplo de algumas aves como anas, garças e carcarás, exercem excelente controle de pragas como o carrapato. A agroecologia enfatiza as interrelações entre todos os componentes do agroecossistema e a complexa dinâmica dos processos ecológicos. O papel dos animais nesse contexto é ainda pouco estudado, sendo essencial compreender sua lógica de inserção na agricultura familiar. Os agricultores e agricultoras selecionam variedades raciais adaptadas ao ambiente local e mantêm uma relação ética com os animais, tratando-os com respeito e reconhecendo sua contribuição para sobrevivência da família, diferentemente dos sistemas industriais. No entanto, pressões econômicas externas podem levar a práticas inadequadas de manejo comprometendo o agroecossistema e reprodução social. (JALFIM, 2008).

Outro fator importante, é trabalhar com animais adaptados ao bioma, a caatinga de Pedra Comprida é semi-árida, seca, com recursos hídricos limitados, já tivemos muitos problemas criando gado mais produtivo, em um sistema que não os suportava, a exemplo do gado holandês bastante exigente e seletivo, então precisávamos trazer o alimento ao animal, além de cultivar alimentos específicos alterando todo o ecossistema, por meio do desmatamento para introdução de pastagem exótica especializada e comprar insumos externos para suprir a nutrição. Então pela prática da agropecuária tradicional que tínhamos, o gado tornou-se inviável, mais caro e mais trabalhoso, causando enorme prejuízo nas épocas de seca. Então tentei resgatar as práticas tradicionais, que fundamentaram a pecuária nessa região, resgatando a rusticidade dos animais inserindo raça adaptada ao clima semi árido, menos exigente na seleção do alimento, readaptando os animais a vivência, alimentação e nutrição com o que o bioma pode ofertar. Desse modo ganhamos no tempo e esforço no manejo para alimentação, pois este procura seu alimento na pastagem diversificada, ganhamos em rusticidade e sanidade por serem menos suscetíveis a pragas e temos a possibilidade de zerar os gastos com insumos externos desde que consigamos da o suporte forrageiro nos períodos de seca, produzindo silagens com forrageiras diversas e com o cultivos de cactáceas a exemplo da palma forrageira e mandacaru sem espinho e ainda podendo servir-se da diversidade de plantas que frutificam e permanecem verdes espontaneamente durante o período de estiagem antes rejeitadas por animais mais exigentes, como a vargem da jurema branca e da canafístula entre outras ramas e arbustos (Figura 12).

Figura 12: Vaca se alimentando dos frutos da jurubeba - Pedra Comprida - PE



Fonte: foto do autor (2025)

Conhecer uma espécie animal em sua essência é fundamental para compreender seu manejo e papel no agroecossistema. as famílias agricultoras lidam com condições complexas e múltiplos fatores limitantes, exigindo respostas igualmente complexas, enquanto a formação técnica baseada na modernização impõe padronizações que não dialogam com essa realidade. os fatores climáticos influenciam diretamente a saúde e o comportamento dos animais, pois cada espécie desenvolveu mecanismos específicos para lidar com as condições de sua região de origem. A domesticação foi um processo coevolucionário que moldou os animais às culturas humanas. Nesse sentido, é relevante os estudos sobre comportamentos lúdicos, essenciais à maioria das espécies. Assim, hábitos alimentares, condições de descanso, higiene e comportamento social são igualmente fundamentais para um manejo que respeite as necessidades dos animais. (JALFIM, 2023).

O Manejo do gado é bastante trabalhoso, principalmente o gado leiteiro, pois é uma obrigação diária. Nossa ordenha é manual e executamos uma vez ao dia pela manhã. A ordenha é feita com bezerro ao pé, ou seja, para a vaca “apojar” (verbo usado para a ação da vaca liberar o leite), é preciso a presença, contato físico e o mamar do bezerro, que diariamente, depois da ordenha e após alimentar-se mamando o suficiente de leite para sua nutrição, são separados (apartados) das suas mães, por em média 18 horas ou menos, para o caso de uma ordenha diária, até a próxima ordenha. Esse manejo, torna-se menos trabalhoso que outros convencionais e mais saudável e confortável para os animais, pois além de permitir o contato das crias com suas mães, aprendendo a dinâmica do ambiente, o contato do bezerro com as mães é bastante eficiente no controle sanitário de doenças como a mastite nas mamas das vacas, pois a saliva do bezerro contém substâncias que limpam bactérias nocivas. Os bezerros também tem um melhor desenvolvimento ao acompanharem de suas mães e nutrem-se do leite materno, crescem mais saudáveis e menos suscetíveis a doenças, diferente dos modelos convencionais que em busca de alta produtividade, executam várias ordenhas diárias, criam os bezerros separados das mães, e muitas vezes confinados ou descartados para o comércio ainda recém nascidos, sem contato algum com suas mães, nem para consumo do colostro, desde a hora do parto.

Figura 13: vacas amamentando os bezerros garantindo saúde e conforto materno



Fonte: Foto do autor (2024)

Enfim, não objetivando meramente a produtividade, afinal sem ela não teria sentido a criação animal, a produção agroecológica tem essa função de produzir animais naturalmente mais saudáveis, com menos trabalho e despesas, otimizando o uso dos recursos naturais e com uma perspectiva mais humana e ética.

O bioma caatinga é rico em diversidade, infelizmente os processos de colonização e imposição de sistemas alheios a essa realidade o vem dizimando ao longo dos tempos. A pecuária de corte e de leite abrindo pastagens e os monocultivos de sequeiro e/ou irrigados vem causando desmatamentos, compactação e salinização dos solos. segundo Ana Primavesi:

O manejo ecológico é o manejo de todos os fatores de um lugar, respeitando suas interrelações e conservando ou recuperando seu equilíbrio evitando assim a degradação do sistema (PRIMAVERSI, 1984, pg. 59).

E no contexto atual, além da devastação causada pelo modo operandi de uma agropecuária predatória, temos o fator novo da produção de energias renováveis, eólica e solar, sob a mentira de uma energia “verde” causando mais desmatamento e colapso social.

Pensar uma agricultura, sustentável que permita a biodiversidade, produzindo em parceria com a natureza e não o contrário, é fundamental pensar essa agroecologia no

agroecossistema da caatinga, criação de animais, especificamente o gado bovino, reduzindo os impactos da degradação, garantindo segurança hídrica, e alimentar, reduzindo os esforços de trabalho e obtendo produção significativa e sustentável.

Então para a implantação de um ambiente agropecuário agroflorestal em ambiente de caatinga, precisamos considerar a ecologia local, plantas resistentes, cactáceas, proteção do solo contra o vento, lixiviação, o sol. E ao incluir o fator animal, procurar animais adaptados a realidade, segundo a seguinte citação:

O problema não é tanto procurar a raça mais produtiva de alguma outra região,mas descobrir a raça mais produtiva para sua região (PRIMAVESI, 1984, p. 61).

Em paralelo a produção animal e vegetal, temos que garantir os recursos hídricos, criar reservas, fazer com que a água permaneça no sistema, ter a dimensão da capacidade e volume hídrico do território, não desperdiçar e reutilizar as águas de descarte, otimizar ao máximo o uso desse recurso.

O semi árido brasileiro pode ser definido como um amplo espaço geográfico, em grande parte localizado no interior da região Nordeste e onde os déficits hídricos impõem limites importantes para as atividades agrícolas convencionais (NOGUEIRA, 2006, pg. 23).

Segundo a APAC, Sanharó e São Bento do Una possuem uma pluviosidade média de 600 mm anuais, um pouco acima das pluviosidades registradas no sertão pernambucano (APAC, 2023), além de uma geografia de rios com altos teores de sais, poluídos, assoreados e com matas ciliares devastadas, lençóis freáticos situados na área de cristalino de águas na maioria dos poços impróprias ao consumo humano devido os altos teores de salinidade, sendo difícil visualizar autonomia hídrica sem que haja uma consciência da importância desses mananciais, da preservação dos mesmos, do cuidado com a salinização dos solos. Mas salvo os programas governamentais de construção de cisternas trazendo segurança hídrica para as famílias do semiárido, no mais não existe um trabalho de resgate e recuperação dos rios, descontaminação dos mananciais, tratamentos de esgoto, reuso de águas,

apelando a soluções faraônicas de transposições enquanto nossas águas circulam poluídas descartadas em esgotos sem cuidado algum. Esse cenário hídrico é preocupante pois uma bacia leiteira que todo ano sofre com a escassez de água, desmata cada vez mais em função da produção de pastagem e plantas forrageiras de monocultivo, amplia o horizonte econômico para a produção industrial de larga escala, de avicultura de postura/corte; e a população urbana e rural a mercê de políticas públicas insuficientes, sujeitas a mais diversas e nefastas espécies de corrupções e descasos, inviabilizando a sustentabilidade de qualquer processo, ainda mais nesse período global de instabilidade climática crescente. Então nessa linha de raciocínio, na busca de soluções de conviver, com essa realidade climática e política, a agroecologia desponha como uma alternativa real ao enfrentamento dessas questões, ampliar as formas de produzir valorizando nossos recursos, adaptar a produtividade a realidade existente e não travar uma batalha colossal ante a natureza. Uma outra educação, voltada a nossa realidade, valorizando os saberes tradicionais, regulamentações que viabilizam a agricultura familiar sem repetir modelos alheios, a educação libertadora, que segundo Paulo Freire, libertará os indivíduos da opressão, valorizando as experiências de vida, agentes ativos da própria história.

3.CONCLUSÃO

Ao longo desta trajetória no Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular (BACEP) os aprendizados transcenderam os muros da academia e se enraizaram na prática cotidiana do campo. A imersão nos diferentes territórios, da Mata Sul e Norte, Sertão e Agrestes, mostrou a diversidade dos etnoagroecossistemas e a potência das experiências de resistência camponesa. Os desafios foram muitos, a conciliação entre o tempo acadêmico e o trabalho no campo, a assimilação de conceitos que por vezes confrontavam práticas convencionais arraigadas, e a constante busca por uma produção que fosse ao mesmo tempo viável economicamente e respeitosa com os ciclos da natureza. Aprendi que agroecologia não se reduz a um conjunto de técnicas, mas se constitui como uma postura ética diante da vida, articulando conhecimentos científicos e saberes tradicionais, exigindo humildade para observar, paciência para experimentar e coragem para romper com lógicas que desumanizam o campo. Foi nesse movimento de aprender e desaprender

que redescobri o significado de preparar "berços" para as sementes, em vez de "covas", e compreendi que a sustentabilidade só se alcança quando envolve toda a comunidade, respeitando os limites do território e dialogando com suas potencialidades.

Nesse percurso formativo, os animais ocuparam um lugar central na reflexão sobre o que significa produzir com ética e respeito. A criação animal na agroecologia vai além da lógica produtivista; trata-se de reconhecer os animais como sujeitos dotados de vontade, inteligência e sensibilidade, integrados a um sistema complexo onde substituem insumos sintéticos, magnificam a energia solar pelo pasto e contribuem para a fertilidade do solo por meio de suas fezes e urina. A experiência com o gado leiteiro em Pedra Comprida demonstrou que a escolha de raças adaptadas ao semiárido, menos exigentes e mais rústicas, aliada ao manejo com bezerro ao pé, respeita os vínculos entre mãe e cria, favorece a sanidade animal e reduz drasticamente os custos com insumos externos. As galinhas de capoeira, por sua vez, garantem segurança alimentar para a família, integrando-se ao agroecossistema de forma orgânica. Essas práticas confrontam diretamente os modelos industriais que confinam, separam crias de mães e tratam os animais como meras engrenagens de uma produção desenfreada.

A compreensão do papel dos animais na agroecologia também exigiu um olhar atento para as inter relações ecológicas. A diversidade de espécies vegetais na pastagem, juazeiro, jurema, canafístula, gliricídia, cactáceas forrageiras, não apenas nutre os animais com diferentes sabores e nutrientes, mas também abriga aves como anus e garças que controlam naturalmente pragas como o carrapato. Esse desenho agroflorestal, que substituiu o pasto limpo por sistemas arborizados, evidencia que os animais cumprem uma função ecossistêmica insubstituível: ao pastejar, roçam a vegetação de forma equilibrada, adubam o solo e contribuem para a ciclagem de nutrientes. É um manejo que exige observação constante, mas que ao final reduz o trabalho mecânico, preserva o bioma Caatinga e oferece conforto aos animais. Nesse sentido, a agroecologia nos convoca a restaurar a teia da vida, onde humanos e animais caminham juntos na construção de sistemas produtivos justos, sustentáveis e libertadores.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel; **Agroecologia: Base Científicas para uma agricultura Sustentável**. Guaíba - RS: Editora Agropecuária, 2002.

APAC - Agência Pernambucana de Águas e Clima - **Precipitação média por município. Climatologia - Precipitação média por município**. Recife: APAC, 2023. Disponível em: <https://apac.pe.gov.br/clima/precipitacao-media-por-municipio>

BARRETO, H.F.M. et al. **Impactos ambientais do manejo agroecológico da caatinga no Rio Grande do Norte**. Pesquisa Agropecuária Brasileira, Brasília, v. 45, n. 10, p.1073-1081, out. 2010.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

JALFIM, F. T. **Agroecologia e agricultura familiar em tempos de globalização: o caso dos sistemas tradicionais de criação de aves no semi-árido brasileiro**. Recife: Ed. do Autor, 2008.

JALFIM, F. **O componente animal nos agroecossistemas**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Educação, Bacharelado em Agroecologia, 2023. (Texto didático).

MACHADO FILHO, L.C.P.; AGUDELO, J.A.B.; PEREIRA, F.C.; BICA, G.S.; WENDLING, A.V.; KAMAZA, D.C. da S.; KUHNEM, S. Criação animal agroecológica: reflexões e desafios. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 18, n. 1, p. 213-232, 2023.

PRIMAVESI, Ana; **Manejo Ecológico de Pastagens em Regiões Tropicais e Subtropicais**. São paulo: Nobel, 1999. 5ª edição.

KÜSTER, Angela; MELCHERS, Ingo; MARTÍ, Jaime Ferré; **Tecnologias apropriadas para Terras Secas: Manejo Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Semi-Áridas no nordeste brasileiro**. Fortaleza - Ceará: Fundação Konrad Adenauer e Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ), 2006

UFRPE. Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Agroecologia. Versão final revisada. Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Recife: UFRPE, 2023.